

NO MEIO DO CAMINHO, TINHA UMA ALUSÃO: UMA ESTRATÉGIA PERSUASIVA.

AN ALLUSION AT MIDWAY: A PERSUASIVE STRATEGY

Maria Dayanne Sampaio Falcão

RESUMO: O trabalho aqui proposto advém das indagações do Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (GELT) e do projeto de pesquisa denominado “As marcas das heterogeneidades enunciativas como recurso argumentativo retórico para análise do texto e do discurso”. Esta pesquisa tem como base inicial as heterogeneidades enunciativas descritas por Authier Revuz (1990-1998), especificamente a heterogeneidade por alusão, com zero grau de marcação no texto, devido à ausência de marcas tipográficas, segundo a autora. Buscamos analisar os propósitos argumentativos pelos quais o locutor utiliza esse recurso nas redes sociais, especificamente da página do Sensacionalista, no Facebook. Foram analisados quinze textos do gênero comentário. Partimos do pressuposto de que as alusões são estratégias persuasivas usadas pelo locutor no seu projeto de dizer. Refletiremos sobre a importância dessas estratégias na construção argumentativa do texto. Estamos entendendo por estratégias argumentativas “as modalidades da fala que tenta orientar, deliberada ou espontaneamente, maneiras de pensar, agir e sentir” (AMOSSY, 2007, p. 131) .

Palavras-chave: heterogeneidades enunciativas, Nova Retórica, alusão, argumentação.

ABSTRACT: This work comes from the researches of the Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (GELT) and the project entitled "The marks of enunciative heterogeneities as an argumentative resource for the analysis of text and discourse". This research has as its initial basis the enunciative heterogeneities described by Authier Revuz (1990-1998) specifically the allusion that have zero degree of mark in the discourse, due to the absence of typographic marks, according to the author. We sought to analyze the argumentative purposes by which they use this feature in social networks, specifically the Sensacionalista's page on Facebook. Fifteen texts of the comment genre were analyzed. We start with the assumption that allusions are persuasive strategies used by the speaker in his or her design to say. We will reflect on the importance of these strategies in the argumentative construction of the text. We are understanding by argumentative strategies "the modalities of speech that tries to guide, deliberately or spontaneously, ways of thinking, acting and feeling" (Amossy, 2007, 131).

Keywords: enunciative heterogeneities, New Rhetoric, allusion, argumentation.

INTRODUÇÃO

"Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira palavra um mundo ainda não questionado estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do que já foi dito." (AUTHIER REVUZ, 1990. p. 102). Essa afirmação de Jacqueline Authier Revuz, em seu texto *Representação do Discurso do Outro*, nos remete à teoria do Dialogismo de Bakhtin. Para o pensador russo, nosso mundo interior é permeado de vozes externas. É assim que apreendemos o mundo desde o primeiro contato; ao

aprendermos a primeira palavra, já estamos carregados de outras vozes, outros significados, formando um interior múltiplo. Mesmo que o indivíduo tenha a ilusão de estar produzindo algo “novo”, "original", a exterioridade e a multiplicidade é intrínseca ao ser, pautada em uma relação dialógica. Com base nisso, Bakhtin desenvolveu uma série de investigações que tinham como base o dialogismo, como a *polifonia*, conceito em que estamos nos detendo. O autor se recusa a ver a língua de forma apenas estrutural e isolada, como faziam os seguidores de Saussure. Para ele, a língua deve ser estudada como uma interação verbal, "já que o *eu* constitui o outro e é por ele constituído" (FROSSARD, 2008, p.13)..

O dialogismo do círculo de Bakhtin não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria de dialogização interna do discurso, as palavras são sempre e inevitavelmente “as palavras do outro” esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos “falares sociais”, das formas linguísticas, das formas linguísticas X e discursivas do hibridismo, da bivocalidade, que permite a representação do discurso no discurso do outro, dos gêneros literários, manifestando uma consciência “galileana da linguagem”, um rir carnavalesco, um romance polifônico. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26)

O presente artigo parte inicialmente desses pressupostos bakhtinianos que influenciaram Authier-Revuz, que defende que todo e qualquer discurso é *heterogêneo, múltiplo*. A autora postula dois tipos de heterogeneidade: a “mostrada” e a “não mostrada”. A heterogeneidade mostrada registra a presença do outro no texto por meio de certos recursos tipográficos, como as ‘aspas’, ou por meio da ironia, do discurso indireto livre etc...

Proporei uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. Neste artigo restringir-me-ei apenas às formas marcadas de heterogeneidade que manifestam sob a forma da denegação um desconhecimento protetor da heterogeneidade constitutiva, deixando para outra oportunidade o tratamento sob a mesma ótica das formas não marcadas desta negociação. (AUTHIER-REVIZ, 1990 p. 26)

A heterogeneidade mostrada representa a própria natureza do texto. A mostrada negocia com a constitutiva, pois “mascara” a multiplicidade mais geral dos discursos dos textos, explicitando alguns deles, dessa forma causando a impressão de que as vozes externas são apenas aquelas mostradas.

Face a pretensão – espontânea ou teoricamente conduzida – do sujeito como fonte autônoma do sentido, que comunica através da língua, abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito, e que este é “mais falado do que fala.” [...]. Este “de fora” não é o que, inevitavelmente, o sujeito portador de um sentido encontraria e em função do qual se determinariam as formas concretas de sua existência e aquela de seu discurso, está no exterior ao sujeito, no discurso como condição constitutiva de existência. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26)

A noção de heterogeneidade mostrada se cruza com a de intertextualidade por copresença, quando partes de um texto são inseridos em outro. As copresenças sempre são um fenômeno de heterogeneidade, porque, quando um trecho de um texto se insere em outro, tem-se uma voz atravessada em outra, daí a heterogeneidade. Evidentemente, nem toda heterogeneidade é um caso de intertextualidade.

A concepção de intertextualidade por copresença (que foi assim denominada por Piègay-Gros, 1996) tem por base o pressuposto de Genette (2010) sobre as transtextualidades. Piègay-Gros formula uma classificação para o estudo da intertextualidade textual apoiada em dois tipos de relação: a de copresença e a de derivação. A primeira distribui-se em quatro tipos: citação, plágio, referência e alusão, esta última que mais interessa a esta pesquisa. Alusão significa “jogo de palavras”, o enunciador joga com as palavras com o objetivo de fazer lembrar palavras de outras vozes, como uma menção, um retorno. O texto dessa forma se opacifica, abrindo portas para uma retomada de sentido.

Tomada nesse sentido estrito, a alusão conserva alguma coisa do seu sentido original, “jogo de palavras” (ainda ligado a sua origem, “ludus”): nas palavras que enuncia, o enunciador joga com a possibilidade de fazer ressoar, não outras palavras da língua como no trocadilho ou no equívoco, ... mas palavras de outros dizeres, suscitando, através da sua voz, a música de uma outra voz. De modo mais preciso, a alusão, assim compreendida como empréstimo, é uma retomada não explícita de segmentos em sua linearidade. (AUTHIER REVUZ, 2007,p. 12)

Dessa forma, consideramos que a alusão é o processo intertextual mais elaborado entre as heterogeneidades, visto que necessita de mais criatividade, elaboração e reflexão por parte do enunciador, como será explicitado no decorrer desse artigo. Nossa hipótese é de que, ao se aludir, tem-se um propósito argumentativo bem definido. Não se alude por nada, principalmente devido ao processo reflexivo que a alusão exige, tese que abordaremos a seguir neste trabalho.

1. Heterogeneidade mostrada: a alusão.

Para Authier Revuz (2007), a alusão tem grau de marcação zero no discurso, pois não recorre a nenhum tipo de recurso gráfico que explicita o discurso exterior, como as aspas, o itálico, o negrito etc. Trata-se, portanto, da forma mais implícita de heterogeneidade; seu sucesso depende da interpretação, da recuperação que o leitor fará. Mesmo “apagada”, a alusão deixará no interlocutor uma inquietação, algo que escape sutilmente aos olhos do leitor, uma pista, um indício pertinente, para que ele recupere na memória a que texto ela pertence. A alusão não ganha “corpo”, mas deixa no texto algum espaço insólito, que serve como outro tipo de marca de heterogeneidade, que não a tipográfica.

A alusão toma como empréstimo uma informação demonstrando de forma mínima a fonte. A alusão é pensada para ser reconhecida pelo outro, é uma negociação do enunciador com o coenunciador. A depender da alusão escolhida pelo enunciador, a relação acerca da alusão pode fracassar, o leitor pode não entender a alusão, é um risco que se corre ao propor essa forma de heterogeneidade. (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 12)

O formulador de uma alusão portanto precisa pensar em seu público, na memória de seu alvo, para que a relação se dê de forma eficiente. O enunciador deve marcar a fonte de sua alusão pensando no endereçado. Pensando nesse público é que se cria certa cumplicidade com o outro que faça parte do universo daquela ideia “já-dita”, criando assim uma ligação entre ambos. Já que não é marcada tipograficamente, o risco de a alusão não ser compreendida é mais alto, pois o locutor não tem controle sobre o interlocutor, e eles precisam funcionar juntos.

A referência é um tipo de intertextualidade incluída nas relações de copresença postuladas por Piègay-Gros e não presente na proposta inicial de Genette. É uma forma

de heterogeneidade explícita, assim como a citação; ambas diferem da alusão, que é implícita.

Para Faria (2014), é preferível não separar referência de alusão, visto que, ao fazer referência a algo, também se alude ao texto em que ela se encontra, necessariamente. Ao fazer referência a personagens de certa obra, alude-se a ela, automaticamente. Os dois fenômenos, segundo a autora, acontecem simultaneamente. Alusão é um tipo de citação mais discreta, mas ambos cobram do leitor a recuperação do conteúdo na memória. Essa recuperação será indispensável para se entender o propósito persuasivo, ao qual a alusão se prestará, como exemplificaremos a seguir.

3. As estratégias persuasivas

Antes de exemplificarmos as funções persuasivas da alusão, faz-se necessário apresentar nosso aporte teórico de análise argumentativa. Trabalharemos com a análise da argumentação no discurso de Amossy (2011), que adapta para a análise do discurso alguns pressupostos da nova retórica, de Chaim Perelman e Olbrechts Tyteca (2005). Assim, iniciaremos esclarecendo alguns conceitos da nova retórica que acreditamos serem importantes para o embasamento de Amossy; depois, abordaremos a teoria da análise da argumentação no discurso da autora.

3.1 A Nova Retórica

Na retórica clássica, há três formas de se chegar à persuasão de um auditório. Primeiro, por meio do uso da argumentação racional, indutiva ou dedutiva, para a construção de um argumento. Quando se faz uso da lógica, da estatística, da objetividade, recorre-se ao *logos*. Segundo, por meio da construção de uma imagem de si que passe credibilidade, convencendo o público e fazendo uso de seu caráter, de sua confiabilidade, de um certo tom, recorre-se ao *ethos*. E, terceiro, tentando, por meio dos sentimentos, provocar as emoções da plateia, apelando para a comoção emocional, recorre-se ao *pathos*.

Em 1940, Chaïm Perelman, com o apoio de Lucie Olbrechts-Tyteca, dá continuidade a esses estudos clássicos aristotélicos sobre a retórica, passando a defender a ideia de ser possível a inclusão de juízos de valor na racionalidade. Assim, reafirma

que a lógica da argumentação é uma lógica dos valores, do preferível, e não por uma razão matemática como afirmavam os positivistas. Para os retóricos, não existe nada incondicional. As coisas estão sempre mais ou menos corretas a depender da situação. A retórica basicamente vai de encontro à suposição de uma verdade total e objetiva.

Um segundo ponto a ser considerado na argumentação são as condições psíquicas e sociais do auditório, já que o que se considera na retórica é a lógica, então é importante que se conheça como funciona a forma de raciocinar dos prováveis interlocutores, prevendo, assim, a recepção da tese proposta, que pode ser aceita ou não, a depender das características psíquicas e sociais das pessoas com as quais se está lidando (idade, classe social, gênero, papel social, nível de escolaridade, grau de compartilhamentos de conhecimento com o locutor, etc.). Quanto mais informações do público, maior a chance de se elaborar uma tese que será aceita. Sabe-se da impossibilidade de convencer todos os auditórios possíveis. O auditório de que falam Perelman e Tyteca é “*o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*” (2005, p. 22, grifo dos autores). O orador, então, deve presumir qual o público com o qual vai discursar, e na elaboração de seu discurso pensar nas características psicossociais do auditório.

Ora, para ser persuasivo, o orador deve antes compreender os que lhe fazem face, captar a força retórica deles, bem como seus pontos fracos. Esse trabalho de interpretação é feito por todos de modo mais ou menos espontâneo. Até a criancinha mostra ser um excelente hermeneuta, por exemplo, quando percebe que a ameaça dos pais é aterradora demais para ser executada, ou quando interpreta uma frase do adulto no sentido que lhe convém. (REBOUL, 2004, p. XIX)

A persuasão não depende de uma razão universal, mas de raciocínios plausíveis, razoáveis para um determinado público. Amossy diferencia o “racional” do “razoável”; para a autora, essa diferença é essencial para avaliar a lógica da nova retórica que por vezes é usada em sua teoria. Para ela o *racional* concerne em uma verdade absoluta e universal, que independe das circunstâncias, já o *razoável* está circunstânciado ao meio, seu valor dependerá da situação comunicacional.

O racional exprime-se por meio de um raciocínio do tipo hipotético-dedutivo cuja validade não depende de um quadro comunicacional qualquer e que segue um procedimento rigoroso que culmina com uma verdade penosa. O razoável tem, ao contrário, uma parte ligada ao senso comum. Ele representa aquilo que parece plausível a uma dada comunidade em função de suas crenças e de seus valores – o que lhe parece dever ser aceito por todo ser de bom senso. Enquanto o racional é necessário e válido em si mesmo, ou seja, independentemente das circunstâncias e dos agentes humanos, o

razoável surge, ao contrário, como contingente e negociável no interior de uma interação social. (AMOSSY, 2011, s/p)

A relação que o orador mantém com o auditório apoia-se numa condição prévia substancial para a argumentação acordo prévio. Esse acordo, de que falam Perelman e Tyteca, circunscreve “ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 73)

É esperado que o auditório aceite como verossímil, plausível aquilo que condiga com as suas crenças, valores, religião. Diante das premissas observadas do auditório o orador seleciona os dados que serão apresentados bem como a forma como serão postos.

3.2 Teoria da Argumentação no Discurso

Apesar do empenho da nova retórica em incrementar os estudos retóricos clássicos, tentando descrever o funcionamento das estratégias de persuasão, a dimensão linguageira da argumentação é nela abordada em termos manifestamente emprestados da gramática tradicional. Além disso, a perspectiva perelmaniana de argumentação considera a linguagem em situação, não o sistema linguístico. Amossy defende que se pode redefiní-la como um dos ramos da linguística do discurso, “sob a condição, é claro, de dotá-la dos instrumentos e procedimentos necessários ao estudo concreto da fala argumentativa.” (AMOSSY, 2002, p. 153).

Articular a retórica com os estudos da análise do discurso de linha francesa é o intuito da linguista Ruth Amossy. Desde os anos 2000, quando lançou a obra *L'argumentation dans le discours*, Amossy defende que, na medida em que a análise do discurso pretende analisar a natureza do discurso em situação, é quase impossível ignorar seu caráter argumentativo. Obviamente, não é sempre que um discurso tem o objetivo de fazer com que uma tese seja aprovada, porém toda fala acaba por influenciar o outro de alguma forma. Para salientar o papel influenciador do discurso, Amossy cita Kerbrat-Orecchioni em seu artigo “*O lugar da argumentação na análise do discurso*”: “O exercício da fala implica normalmente vários participantes – os quais exercem

permanentemente uns sobre os outros uma rede de influências mútuas: falar é trocar, e é mudar trocando” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 54-5).

A linguista Ruth Amossy, para demonstrar tais influências, usa os termos de Charaudeau: *princípio de alteridade* (todo ato de fala é gerado por um indivíduo que pretende gerar X estabelecer relação com o outro), *princípio de influência* (o interlocutor sempre almeja influenciar o outro para algo) e *princípio de regulação* (o contato por meio da linguagem possibilita uma troca que faz o outro gerar o seu próprio sistema de influência) (CHARAUDEAU, 2005, p. 12).

Percebemos, então, que é próprio do discurso influenciar. Amossy salienta, claramente, que há diferença entre as estratégias persuasivas programadas, como vimos acima, ou seja, entre os pressupostos da nova retórica e a natureza influenciadora do discurso. No primeiro caso, o discurso manifesta uma visada argumentativa: o discurso eleitoral ou a publicidade constituem exemplos flagrantes disso. No segundo caso, ele comporta simplesmente uma dimensão argumentativa (AMOSSY, 2006 [2000], 2005), dimensão esta que está presente em todo e qualquer discurso, até quando o seu intuito é ser imparcial, como é o caso dos gêneros jornalísticos. A necessidade de influenciar é um traço constitutivo de todo discurso, que, por natureza, se contrapõe a outros. Os diferentes modos de persuadir seriam como uma persuasão programada e mostrada. O caráter influenciador do discurso faz parte de sua constituição, bem como sua natureza heterogênea. A persuasão programada ocorre quando, explícita e propositalmente, se almeja persuadir, argumentar, influenciar. A heterogeneidade mostrada se faz presente quando propositalmente o objetivo é mostrar a presença do outro no texto.

Diante disso, Amossy (2006) tenta associar a retórica, tida como a arte de persuadir, à análise do discurso de linha francesa, com base nos trabalhos de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau. Amossy apresenta seu estudo como “abordagem que relaciona a fala a um lugar social e a instâncias institucionais, recusando assim a divisão texto/ contexto.” (AMOSSY, 2007, p. 123) .

Amossy também ilustra a diferença entre a argumentação retórica e argumentação linguística (fazendo uso da terminologia de Ducrot). Para Anscombe & Ducrot a argumentação não é vista como a ciência da persuasão, mas “ encadeamento de proposições que conduz a uma conclusão.” (AMOSSY, 2007, p. 124). Ou seja, a argumentação de acordo com essa visão é apenas resultado da língua e não do discurso,

é característica da construção do enunciado, segundo Ducrot ela é “ parte integrante, constitutiva, a forma de influência chamada de força argumentativa. Significar, para um enunciado, é orientar” (ANSCOMBRE & DUCROT, 1988, Prefácio). Sendo assim, e de acordo com as reflexões de Amossy acerca dos estudos sobre argumentação de Anscombe & Ducrot, a função de um enunciado basicamente é conduzir a uma conclusão, orientar a algo. Tendo como foco de estudo conectores e os topoi, que são definidos por Anscombe & Ducrot como elementos que garantem encadeamentos discursivos” [ANSCOMBRE, 1995, p. 49-50]), os autores se distanciam da argumentação retórica e propõem um estudo da argumentação totalmente intrínseca à língua.

Amossy, com a teoria da análise da argumentação no discurso, propõe algo contrário às convicções de Anscombe & Ducrot. Reconhecendo a retórica como “arte de persuadir, tal como ela se desenvolveu de Aristóteles a Perelman” (AMOSSY, 2007, p. 127), ou seja, com o *logos* no centro da argumentação, relacionando-o com o *ethos* e com o *pathos*, a força do raciocínio fixa-se no centro do exercício comunicacional e se alia à capacidade que tem o discurso de exercer influência sobre o outro. A proposta tem como foco de estudo os tópicos, os esquemas argumentativos e os tipos de argumentos dos quais o discurso faz uso para levar à persuasão, ou seja, os tipos de argumentos usados para firmar um ponto de vista e fazer com que ele seja aceito pelo auditório.

A argumentação é analisada em situações de discurso variadas em que o *logos* é objeto de tratamentos complexos. Ela depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento. (AMOSSY, 2007, p. 128)

Em outras palavras, a análise da argumentação no discurso leva em consideração as estratégias linguísticas e suas significações e, ao mesmo tempo, prioriza as características sociais e institucionais, que são essenciais para a construção do sujeito, o que possibilita presumir como o interlocutor poderia aderir a teses, ou refutá-las.

Para Perelman e Tyteca (2005), o público é sempre uma construção do orador, é sempre projetado por ele. Amossy, para justificar tal perspectiva, cita postulados da linguística da enunciação: “Linguagem colocada em ação, e necessariamente entre parceiros” (BENVENISTE, 1966, p. 258), o texto é, por definição, uma troca. Colocando a noção de “plano figurativo”, Benveniste observa que “a enunciação postula um interlocutor”, um “parceiro” com quem o locutor estabelece necessariamente uma

“relação discursiva” (BENVENISTE, 1974, p. 85). A partir de tais concepções sobre o discurso, Amossy propõe que se localizem as marcas do locutor e do interlocutor no discurso (pois, como já explicitado com a citação de Benveniste, a enunciação precisa de um parceiro de troca). Além das marcas do outro no discursoX texto, que já conhecemos como pronomes pessoais, designações nominais etc., pode-se observar a presença do interlocutor através de conhecimentos, crenças, valores que lhe são atribuídos pelo locutor. Para Kerbrat-Orecchioni (1980), o locutor também se inscreve no próprio texto por meio de difentes marcas, as quais também dizem respeito aos seus valores e/ou ao seu caráter afetivo.

Amossy explica que essa imagem de si mesmo e do interlocutor pode se modificar e se reconstruir de acordo com aquilo que é fornecido pelo enunciado e com os aspectos que o acompanham (entonação, nível da língua, estilo etc.). É ao admitir isso que a argumentação entra em ação, pois ela, sendo implícita ou explícita, depende do público que foi projetado no discurso texto pelo orador e do próprio locutor, que constrói um *ethos* ao enunciar, desenvolvendo, assim, as trocas verbais. Partindo dessa ideia, a autora ancora-se na distribuição dos papéis fornecida pela cena genérica, da forma como a define Maingueneau: “Todo gênero discursivo possui prescrições de como deve funcionar, como um debate parlamentar, uma audiência jurídica, uma aula etc. Há regras sobre a troca, sobre as posições que locutor e interlocutor exercem, e o tipo de imagem de si mesmo e do outro que devem ser creditadas.” (MAINGUENEAU, 1993 .p 54). Esses gêneros dependem de um espaço social e institucional, inscrevendo-se em campos que possuem regras. O locutor se adequa às possibilidades existentes naquele campo de acordo com suas regras, ou seja, a imagem de si construída pelo locutor em função de um auditório está ligada a um papel social (presidente, irmão, esposo...) que exige o campo em questão. Mais uma vez, Amossy reitera a dimensão da troca comunicacional simbólica do discurso, e deixa claro que o discurso e a argumentação estão associados ao socioinstitucional.

Amossy explica que é preciso levar em conta a distribuição prévia de papéis, suas restrições de acordo com a cena genérica, a troca de comunicação sobre o institucional. A autora conclui que é preciso “considerar a argumentação na materialidade linguageira e no espaço social, cultural e institucional, que lhe conferem sua densidade e sua complexidade.” (AMOSSY, 2007, p. 133) .

Com base nessa noção de persuasão e de argumentação, formulamos a hipótese de que a alusão se apresenta como um recurso de persuasão, uma das estratégias argumentativas que justificam e embasam os esquemas persuasivos. Buscaremos, neste trabalho, descrever de que forma isso ocorre nos comentários da rede social Facebook, mais especificamente da página do Sensacionalista na rede social.

4. Análise do exemplário: a alusão como estratégia persuasiva

Neste item, demonstraremos como as alusões constituem estratégias de persuasão

(1)



Sensacionalista ✓
2 de fevereiro · 🌐

Seguindo a Bíblia



Após nomear filho, Crivella dará secretaria para o Espírito Santo

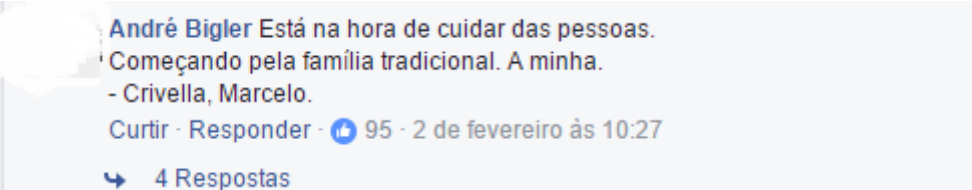
O prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, colocará seu filho Marcelo Hodge Crivella, conhecido como Crivelinha, como secretário da Casa Civil da...

SENSACIONALISTA.COM.BR

👍👎👉 16 mil 277 comentários · 2,2 mil compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

COMENTÁRIO



André Bigler Está na hora de cuidar das pessoas. Começando pela família tradicional. A minha. - Crivella, Marcelo.

Curtir · Responder · 👍 95 · 2 de fevereiro às 10:27

↩ 4 Respostas

O exemplo retirado da página, faz uma crítica ao prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, por ter nomeado o próprio filho como secretário da Casa Civil da prefeitura. Crivella faz parte da Bancada Evangélica que apoiou o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016. Durante as justificativas dos votos a favor do *impeachment*, os evangélicos alegavam estarem votando pelo bem da família tradicional brasileira, pelo bem do povo. Vemos que o texto faz alusão à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Com base nisso, foi formulado o dogma mais importante do cristianismo: o pai é Deus, o filho é Deus e o Espírito Santo também é Deus. Desta forma, o texto mostra que tanto o pai, Marcelo, quanto o filho, Crivelinha, são deuses. Tal alusão implica uma crítica muito ácida aos políticos. O comentário do internauta alude à fala dos políticos evangélicos, satirizando-a. Nota-se uma acusação implícita de que o prefeito estaria privilegiando o próprio filho, cometendo o crime de nepotismo. O comentário faz a junção da fala do prefeito com a ação cometida por ele, mostrando a indignação dos internautas com a nomeação do filho.

Passemos agora para mais um exemplo, em que é possível denotar mais traços da força persuasiva que a alusão pode ter. A matéria abaixo, da página *Sensacionalista*, traz as imagens de duas estátuas no Rio de Janeiro, os autores fazem uma brincadeira com o local onde se localizam as estátuas. Ao escolher o enunciado “Estátua de Drummon também quer fuzil para que parem de roubar meus óculos”, o locutor ativa a memória do interlocutor sobre a realidade em que se localizam tais estátuas, ambas no Rio de Janeiro, porém uma na periferia, com um fuzil, e a outra em Copacabana, com um ar sereno e totalmente despreocupado. As imagens e o enunciado usados nos fazem lembrar a visita de Michael Jackson ao Brasil, além de nos fazerem refletir sobre segurança pública, desigualdade sociais, índice de violência etc...

S Sensacionalista
14 de ago às 15:36 • 🌐

Violência

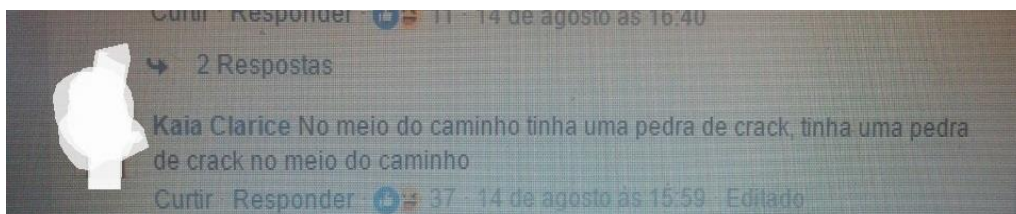


Estátua de Drummond também quer fuzil para que parem de roubar seus óculos
sensacionalista.com.br

👍 😂 🙄 9.642 205 comentários • 1.225 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

COMENTÁRIO



Todo o argumento do comentário, feito sobre a matéria, baseia-se em uma única premissa entimemática: “No meio do caminho tinha uma pedra de crack, tinha uma pedra de crack no meio do caminho”. Isso nos leva a uma conclusão implícita e geral: No Rio de Janeiro, há grande incidência de comercialização de crack e, por consequência, é um lugar perigoso. Para se chegar a essa conclusão, que pode ser aceita ou refutada, locutor e interlocutor tiveram que passar por um esquema de raciocínio silogístico (duas premissas e uma conclusão), mas agora embasado por outras premissas.

Aqui temos o mesmo espaço socioinstitucional do primeiro exemplo, e a mesma cena genérica (comentário) disponibilizada pelo espaço. Portanto, a situação comunicacional e suas restrições são as mesmas, o orador é livre para apresentar seu

argumento, transgredindo fórmulas sintáticas e semânticas. Para tal, a alusão é novamente escolhida. O locutor espera que o público leitor da matéria conheça o famoso poema de Drummond: “No meio do caminho” e, por meio da alusão a esse texto, apresenta a sua tese de que há muita comercialização de drogas no Rio de Janeiro.

A alusão, neste caso, ajuda a preservar a face do locutor (GOFFMAN, procurar na tese da Geórgia), não nos é apresentada explicitamente a tese de que o Rio de Janeiro é um lugar ruim por conta da comercialização de crack. Mas supõe que o interlocutor conheça a realidade da cidade, mencionando “pedra de crack ” na parte verbal do texto. A premissa leva a um determinado juízo de valor, juízo esse que é fruto dos saberes, vivências etc. Uma cidade com alto índice de comercialização e usuários de drogas é um lugar perigoso. Supondo o compartilhamento desse juízo de valor entre os sujeitos, o locutor, mais uma vez, assim como no primeiro caso, deixa a conclusão implícita.

A alusão também serve ao *ethos* e ao *pathos*, primeiramente porque, ao aludir a um poema, o orador constrói uma imagem leve de si mesmo, mostrando-se crítico, mas também bem humorado, e em segundo lugar, ao mesmo tempo que desperta no público a criticidade por meio de um saber compartilhado, relembra um poema reflexivo sobre a vida, causando uma reflexão por meio do humor

O próximo exemplo escolhido é outra matéria satírica do sensacionalista sobre a quantidade de personagens no lançamento do filme “Vingadores: guerra infinita”.

(03)

Vingadores: Guerra Infinita' terá mais personagens que minutos de filme



uardando csi.gstatic.com...

O primeiro trailer do novo filme dos estúdios

COMENTÁRIO



Thanos, o ser mencionado no comentário acima, é o vilão da trama, um ditador sociopata que sonha com o poder absoluto sobre tudo e sobre todos. O enredo do novo filme baseia-se na luta de todos os vingadores contra Thanos, que é altamente poderoso e difícil de derrotar. Infere-se que a polêmica em torno da quantidade dos personagens no filme seja para enfatizar as forças contra o vilão, que é quase invencível. O comentário do internauta diz: “Primeiro a gente tira o thanos depois o temer, n pera”. O usuário faz uma série de comparações de sentido só recuperadas por aqueles que conhecem a trajetória da história dos personagens em quadrinhos, daí a importância de se conhecer o auditório e as suas características psicossociais e culturais, os valores partilhados, os conhecimentos prévios... No caso em questão, é esperado pelo orador que o auditório esteja ciente da situação política do país e da imagem do presidente Temer, principalmente pelo fato de a matéria pertencer a uma página que critica a política de forma bem humorada. Espera-se que o público que acompanha a página se interesse e conheça o assunto.

Vejamos as notícias dos exemplos abaixo. Essas notícias estão todas encadeadas por uma intertextualidade maior, como salientam Cavalcante, Brito e Zavam (2017). Para as autoras, a alusão é uma negociação do sujeito com outro dizer, circunscrevendo uma exterioridade discursiva maior. A alusão para Brito (2017), é erudição, ou seja, nem sempre é feita para ser reconhecida. Ela é partilhada por um grupo de pessoas que compartilham do mesmo saber, tornando-se até exclusiva para os desinformados sobre determinado conhecimento. Focalizaremos nos exemplos de alusão as duas funções mais presentes da intertextualidade: função lúdica e função satírica. Porém, como veremos a seguir no próximo exemplo, acrescentaremos a função erudita, que é salientada por Brito (2017).

O comentário alude às conversas gravadas entre o senador Romero Jucá (PMDB) com e o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado. Na conversa, Jucá tenta selar um acordo para “frear” o esquema da Lava Jato, propondo a mudança de governo. Na transcrição das conversas veiculadas na mídia, Jucá explica “- Primeiro a gente tira a Dilma, depois os outros”. Essa frase foi usada como slogan para as manifestações da direita antes do *impeachment* da ex-presidente Dilma ocorrer.

(04)



COMENTÁRIO

“Primeiro a gente tira o Thanos, depois a gente tira o Temer, n pera” faz menção alusão à fala de Jucá, ao escolher a ordem e as palavras semelhantes às dos texto-fonte. Aí está a marca alusiva, que só pode ser recuperada se o interlocutor partilhar dos mesmos conhecimentos do locutor. O internauta comparou a força do vilão dos quadrinhos e a dificuldade de derrotá-lo com a resistência de Michel Temer para não abdicar da presidência da república, mesmo com toda a aversão que a população tem a ele. A alusão sugeriu que os Vingadores deveriam derrotar Thanos e, após isso, deveriam destituir Temer do cargo de presidente. O interlocutor, para conceber essa alusão e os propósitos a que ela se presta deve, neste caso, conhecer a história do desenho, mais especificamente o personagem e o contexto político brasileiro. A alusão estabelece uma espécie de “comunhão” entre locutor e interlocutor.

Como se nota, a alusão é um processo cuidadoso, elaborado, que exige reflexão tanto por parte do locutor como por parte do interlocutor. Carregando um propósito argumentativo, neste exemplo o seguidor da página quis demonstrar seu posicionamento político em meio a um público que se interessa por política e por quadrinhos. Ele aproximou seu posicionamento de seu público, deu “paixão” a sua crítica, preservou a sua face (visto que apenas os partilhadores desses conhecimentos prévios reconhecerão a crítica), evocando um outro texto.

A alusão também pode ter um propósito satírico não tão crítico, como é o caso do exemplo a seguir. Trata-se de uma notícia sobre uma suposta imagem do cantor cearense Belchior, aparecida em um hambúrguer, após a sua morte neste ano de 2017.

(05)



COMENTÁRIO



O comentário alude à letra de uma das composições do cantor cearense, em que se diz “Eu sou apenas um rapaz latino americano, sem dinheiro no banco...”. O propósito argumentativo é bem mais profundo do que aparenta, pois vai além de apenas fazer alusão à música. O locutor alude à própria condição de vida do cantor nos últimos tempos, onde pois Belchior vagava pelas cidades contando com ajuda de amigos para se manter. O conhecimento desse dado permite compreender o sentido dessa crítica velada. O locutor sugere a associação entre a letra da música e a vida pessoal do cantor, preservando a sua face por meio da alusão e dando a possibilidade de o público recuperar ou não a sua sátira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alusão é um tipo de heterogeneidade mostrada, mesmo que sugerida e sem marcas tipográficas, porque se deixa mostrar por outras marcas. A alusão carrega em si lacunas a serem preenchidas e sempre deixará um espaço para que o leitor interprete e recupere a fonte. Na análise da argumentação no discurso, de Amossy, a alusão se apresenta como uma função primeira de crítica, uma função satírica, como mostra Forte (2013). O locutor, em quase todos os casos analisados, faz uso da alusão para “distanciar-se” parcialmente de sua tese, levando o interlocutor a refletir sobre o seu texto. Além disso, constatamos que, em grande parte, a alusão é usada nas redes sociais de forma a causar impacto. Aludir a algo significa fazer ressoar outro texto por meio do seu. Constatamos que a alusão é sempre usada com um propósito argumentativo. Nos casos analisados, os propósitos eram: preservação de face, distanciamento, uso da reflexão, do humor e da crítica. A alusão (evocação de outro texto para a fala) serve para defender uma tese de forma sutil, porque é versátil, podendo exercer mais de um propósito argumentativo em um mesmo contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. AMOSSY, R. Contribuição da Nova Retórica para a AD: o estatuto do lógos nas Ciências da Linguagem. In: EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia Muniz Proença (Orgs.). Análises do discurso hoje, vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, e-book, s/p.
- _____. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. ReVEL, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016, p. 165-190.
- _____. AMOSSY, R. L'argumentation dans le discours. Paris: Armand Colin, 2006.
- _____. lifonia em anáforas encapsuladoras. Letras de Hoje, v. 46, n. 1, p. 55-63, 2011.
- _____. AMOSSY, R. Nouvelle rhétorique et linguistique du discours. In: KOREN, R.; _____. AMOSSY, R. (Orgs.). Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques? Paris: L'Harmattan, 2002, p. 153-171.
- _____. AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Filologia e linguística portuguesa. N. 9 (2007): 121-146.

_____. AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. *Calidoscópio*, v. 6, n. 2, p. 107-119, 2008.

_____. AUTHIER-REVUZ, J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Edipucrs, 2004.

_____. AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). *Cadernos de estudos lingüísticos*, v. 19, 2012.

_____. AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. *Revista Investigações-ISSN: 2175-294X*, v. 20, n. 2, 2007.

_____. FARIA, M. G. S. Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais. 2014. Tese de Doutorado. www.teses.ufc.br.

_____. FROSSARD, E. C. M. A teoria do dialogismo de Bakhtin e a polifonia de ducrot: pontos de contato. *Revista (Con) textos Linguísticos*, v. 2, n. 2, p. 177-186, 2008.

_____. PIRES, V. L.; TAMANINI-ADAMES, F. A. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. *Estudos semióticos*, v. 6, n. 2, p. 66-76, 2010.

_____. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, _____. 2000.

_____. BRITO, M. A. P. Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência. Fortaleza, CE. Tese. Universidade Federal do Ceará – UFC, 213p. 2010. www.teses.ufc.br.

_____. CAVALCANTE, M.M. *Linguística Textual e argumentação*. /Palestra apresentada por ocasião da XXVI JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – Gelne. Recife, 2016.

_____. CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P. Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação.

_____. GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

_____. HOUAISS, A. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. São Paulo, Editora Objetiva, 2009.

_____. MAINGUENEAU, D. Elementos de lingüística para o texto literário. Tradução de Maria Augusta de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação – A Nova Retórica. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

_____. BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª ed. Campinas: Pontes, 20 .

_____. PIÈGAY-GROS, N. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. 05. 387.